

## Livro VIII (V)

### *Capítulos I-VII. A educação. A música e a ginástica.*

I. A educação deve estar sob o controle do governo e deve ser a mesma para todos os cidadãos.

II. Ela deve incluir aqueles assuntos úteis que todas as pessoas deveriam ser capazes de dominar, mas nada que degrade a mente ou o corpo.

III. A redação, a escrita, e o desenho sempre foram ensinados pelo valor de sua utilidade; a ginástica é adotada por desenvolver a coragem. A música é ensinada como forma de recreação, mas ela serve a um propósito mais elevado. O nobre emprego do lazer é o objetivo mais elevado a que um homem pode aspirar; e a música é muito valiosa para esse propósito. O mesmo pode ser dito a respeito do desenho e sobre outros temas educacionais que têm o mesmo valor.

IV. A ginástica é o primeiro estágio da educação; mas não deveríamos desenvolver a coragem e o espírito de nossas crianças à

custa de sua mente, como o que se faz na Lacedemônia. Até a puberdade e nos três anos seguintes, os exercícios físicos devem ser leves.

V. Se a música fosse simplesmente uma diversão, não deveria ser ensinada às crianças; seria melhor que elas se limitassem a ouvir a apresentação musical dos profissionais. Mas a música é uma disciplina moral e um deleite racional.



ARISTÓTELES - "Política"

## Capítulo I

**N**inguém pode pôr em dúvida que a atenção do legislador deve estar centrada, acima de tudo, na educação da juventude; negligenciar a educação é promover grandes danos à constituição. O cidadão deveria ser educado em harmonia com a forma de governo sob a qual vive, pois cada governo tem um caráter peculiar que o acompanha desde a sua origem e que ele preserva com o passar do tempo. O caráter democrático gera democracia, e o caráter oligárquico gera a oligarquia; e é fato que quanto mais sólido for o caráter, melhor o governo será.

Novamente, para o exercício de qualquer faculdade ou o domínio de uma arte qualquer, um treinamento prévio e uma etapa de adaptação são necessários; é claramente o que se dá com a prática das virtudes. E já que a cidade inteira compartilha dos mesmos fins, é evidente que a educação deveria ser a mesma para todos, e que deveria ser pública, e não privada — ou seja, não deve ser como atualmente, quando cada cidadão educa separadamente os seus filhos, dando-lhes a instrução que julga ser a mais apropriada; a preparação para aquilo que é comum a todos os cidadãos deveria ser igual para todos. Também não é certo supor que cada cidadão deva cuidar de seu próprio destino, pois todos os cidadãos pertencem à Cidade; cada um é uma parte que integra o todo da Cidade, e os cuidados para com a parte são inseparáveis dos cuidados para com o todo. Nesse particular, como em alguns outros, os lacedemônios devem ser elogiados, pois eles dedicam grandes esforços à educação de seus filhos, e consideram a educação um assunto da Cidade.

## Capítulo II

Não se deve negar que a educação deveria ser regulamentada pelas leis do governo, nem que deveria ser uma atividade da Cidade, mas qual deve ser o caráter da educação pública, e com que idade as crianças deveriam ser educadas, são questões que permanecem em aberto. Há controvérsias a esse respeito. A humanidade não é unânime no que diz respeito aos conteúdos a serem ensinados, se devem servir à virtude ou à vida perfeita. As práticas vigentes nos deixam perplexos; ninguém sabe exatamente que princípios seguir — se os da utilidade, se os da virtude ou se os do conhecimento máximo deveriam orientar os estudos; essas três opiniões já foram dominantes em algum momento. Mas não há consenso quando se discute os meios; com efeito, pessoas diferentes, que partem de diferentes conceitos de virtude, naturalmente discordam a respeito de sua prática. Não pode haver dúvida que as crianças deveriam aprender aquilo que é necessário, mas isso não significa que tenham de aprender tudo o que é útil; as ocupações são divididas em liberais e servis; e as crianças deveriam ter acesso aos conhecimentos que lhes serão úteis, sem que isso os vulgarize. Ora, qualquer ocupação, arte ou ciência que faz o corpo, a alma e o intelecto do homem livre menos aptos à prática ou ao exercício das virtudes é vulgar. Dizemos que são ordinárias as artes que tendem a deformar o corpo; e igualmente todas as atividades pagas, pois elas absorvem e degradam a inteligência. Existem também algumas artes liberais muito apropriadas à educação do homem livre, mas apenas até um certo limite, e caso ele participe desses cursos a tal ponto de buscar a perfeição nesses conhecimentos, os mesmos efeitos maléficos seguirão. Também o objetivo de vida que um homem define para si faz uma grande diferença; caso ele faça ou aprenda algo para o seu bem exclusivo ou de seus amigos ou a fim de desenvolver a excelência, a atividade não parecerá servir; mas se as realizada a mando de outros, as mesmas atividades serão mercenárias e servis. A instrução oferecida atualmente, como já dissemos, é marcada tanto pelo caráter liberal quanto servir.

## Capítulo III

São quatro os ramos mais comuns da educação: 1) leitura e

escrita, 2) ginástica, 3) música, e às vezes acrescenta-se o 4) desenho. Desses, a leitura, a escrita e o desenho são considerados igualmente úteis aos propósitos da existência de várias formas diferentes, enquanto se acredita que a ginástica possa dotar o cidadão de coragem. Quanto à música, uma dúvida se levanta — em nossos próprios dias, a maioria das pessoas cultivam-na por prazer, mas originalmente ela fazia parte da educação, pois a própria natureza, como se tem afirmado com freqüência, exige que sejamos capazes não apenas de trabalhar bem, mas também de nos divertir bem; pois, como devo realçar, o princípio de toda a atividade é o lazer. Embora trabalho e lazer sejam necessários à vida, o ócio é preferível e é seu fim mais elevado; portanto, é necessário lançar a seguinte questão: o que devemos fazer com o nosso tempo de ócio? É óbvio que não deveríamos usá-lo para nos divertir, pois a diversão seria o fim de nossa vida. Mas se isso é impossível, e a diversão é mais necessária do que nunca nas horas de trabalho compenetrado, pois aquele que se empenha no trabalho tem necessidades de relaxamento, e a diversão sempre oferece a possibilidade do relaxamento, enquanto o trabalho vem sempre acompanhado das tensões e do esforço, deveríamos introduzir a diversão apenas nas horas adequadas, e ela deve nos servir como um remédio, pois as emoções que ela faz sentir na alma são contribuem para o relaxamento, e no prazer obtemos o descanso. Mas o ócio oferece prazer, felicidade e a satisfação de viver, que não são experimentados pelos homens ocupados demais, e sim por aqueles que têm tempo para o ócio. Com efeito, aquele que trabalha tem algum fim em mente, algo que ainda não conseguiu atingir; mas o ócio parece ser um fim em si mesmo, uma vez que todos os homens consideram que ele vem acompanhado de prazer e não de sofrimento. Esse prazer, todavia, é concebido de maneira distinta por pessoas diferentes, e varia de acordo com os hábitos de cada indivíduo, e a concepção que o melhor dos homens faz do prazer é o melhor, pois emana das fontes mais nobres. Fica claro, então, que há ramos de aprendizagem e de educação que devemos estudar tendo exclusivamente em vista o ócio dedicado à atividade intelectual, e esses ramos devem ser valorizados em si mesmos; ao passo que aqueles tipos de conhecimento necessários ao trabalho devem ser considerados necessários, e existem como meios para atingir outros fins. Por isso, nossos pais admitiam o ensino da música em nossa educação, não por ela ser necessária ou útil, pois ela não é necessária, nem de fato é tão útil quanto a gramática, que

é útil para ganhar dinheiro, na gestão do lar, na aquisição de conhecimento e no desempenho da vida política, nem é tão útil quanto o desenho, que nos ajuda a fazer um julgamento mais apurado das obras dos artistas, nem tão útil como a ginástica, que contribui para nos fortalecer a saúde; nenhuma dessas coisas pode ser adquirida pelo estudo da música. Desse modo, a música parece estar reservada ao deleite intelectual nas atividades de lazer; o que é, de fato, a razão evidente para a sua introdução na educação de um homem livre, pois essa é uma das atividades à que se deve dedicar em seu tempo de ócio; como disse Homero:

Mas ele que, entre todos, deveria ser convidado para a festa alegre, e depois descreve outras pessoas que serão também convidadas, como o poeta que deleitará todos os demais.<sup>1</sup>

E, em outra passagem, Odisseu diz que não há outra forma melhor de passar a vida do que quando o coração dos homens está feliz e os comensais sentam-se ordenadamente no salão, e ouvem a voz do menestrel.

É evidente, portanto, que existem ensinamentos que os pais devem transmitir aos filhos, não porque sejam úteis ou necessários, mas por serem liberais e dignificantes. Quais os tipos desses ensinamentos, quantos são, do que eles consistem e como devem ser ministrados, são questões que investigaremos mais tarde. A esse respeito podemos invocar o testemunho dos antigos; sua opinião pode ser deduzida da importância que conferiam à música, pondo-a como um dos ramos tradicionais de educação. Ademais, é óbvio que as crianças deveriam ser instruídas em algumas atividades úteis, por exemplo, leitura e redação — não apenas porque são úteis em si mesmos, mas porque também servem como meio para a aquisição de outros tipos de conhecimento. De uma perspectiva semelhante, eles podem aprender a desenhar, não para prevenir que cometam erros na aquisição de obras de arte, nem apenas para que não venham a ser ludibriados, mas porque essa atividade faz deles melhores juízes da beleza nas formas humanas. A procura permanente da utilidade não promove a liberdade e a elevação do espírito. É claro que, em educação, a prática deve sempre anteceder a teoria, e o corpo deve ser treinado

antes do espírito; portanto os meninos deveriam ser entregues aos seus professores de ginástica, que desenvolverão neles bons hábitos atléticos, e aos instrutores de luta, que lhes ensinarão as técnicas dessa arte.

## Capítulo IV

Algumas das cidades que, em nossos dias, são famosas pela máxima atenção que conferem à educação de suas crianças, têm como meta exclusiva o desenvolvimento do hábito atlético, o que conduz à distorção das proporções de suas formas corporais durante o seu crescimento. Embora os lacedemônios não tenham incorrido nesse erro, brutalizam suas crianças com exercícios forçados, acreditando que com esse procedimento podem lhes infundir coragem. Mas na verdade, conforme temos repetido, a educação não deveria ser dirigida exclusivamente ou principalmente para esse fim. E ainda que os lacedemônios estejam certos em seu objetivo, os resultados que almejam não são obtidos, pois entre os bárbaros e os animais, a coragem encontra-se associada, não ao temperamento de maior ferocidade, mas à calma, como a que possui um leão. Há muitos povos com tendências à antropofagia, como os acaios e os eníocos, que vivem junto ao Mar Negro, no Pontos; e há outros povos que vivem no continente, tão maus quanto aqueles ou até piores, que vivem da pilhagem, mas que não têm coragem alguma. É notório que os próprios lacedemônios, embora fossem superiores aos demais povos enquanto realizam seus exercícios militares com assiduidade, agora são superados tanto nas competições atléticas quanto nos exercícios de guerra. Com efeito, a sua antiga superioridade não dependia do modo com que treinavam os seus jovens, mas apenas das circunstâncias em que eles eram treinados, em uma época em que seus únicos rivais não recebiam nenhum treinamento. Conseqüentemente, podemos inferir que aquilo que é nobre, e não o que é brutal, deveria estar em primeiro lugar; pois nenhuma raposa ou outro animal selvagem consegue enfrentar um perigo nobilitante; tais perigos estão reservados para os homens corajosos. De modo que os pais que impõe a ginástica aos seus filhos enquanto negligenciam as outras áreas de sua educação, fazem deles trabalhadores comuns, pois levam-nos a desenvolver uma única qualidade necessária à cidadania, e até mesmo nesse quesito fazem-nos

<sup>1</sup> *Odisseia*, XVII, 385. (N. do T.)

inferiores aos outros. Não devemos julgar os lacedemônios pelo que foram no passado, mas por aquilo que são hoje; pois antigamente possuíam o melhor sistema educacional, mas agora há outras cidades que rivalizam com eles nessa área.

Admite-se por princípio que os exercícios físicos devem ser empregados na educação, mas que para as crianças eles devem ser realizados dentro de certos limites, evitando-se uma dieta severa demais ou trabalhos forçados, de modo que o seu crescimento não seja prejudicado. Os males causados pelos exercícios físicos excessivos na primeira infância são evidentes quando se analisa a relação dos campeões olímpicos; pouco mais de dois ou três deles ganharam prêmios nas competições infantis e, mais tarde, nas competições adultas, o seu treinamento precoce e os exercícios físicos severos, levaram-nos à exaustão. Quando a infância chega ao fim, um período de três anos deve ser dedicado a outros estudos; o período da vida que vem a seguir pode então ser dedicado aos exercícios mais vigorosos e a uma dieta mais rígida. Os homens não devem trabalhar simultaneamente com a mente e o corpo, pois esses dois tipos de exercício são opostos; o esforço físico impede o bom desempenho intelectual, e o esforço mental atrapalha a disciplina física.

## Capítulo V

Em relação à música, há algumas questões que já levantamos anteriormente; podemos agora retomar o assunto e conduzi-lo ao próximo estágio; e nossas observações servirão como um prelúdio para essas ou outras discussões a esse respeito. Não é fácil determinar a natureza da música ou a razão pela qual alguém deveria obter conhecimentos sobre ela. Poderíamos dizer que ela serve à diversão e ao relaxamento, tal como o sono ou a bebida, que não são atividades boas em si mesmas, mas são agradáveis e “fazem cessar as nossas preocupações”, como disse Eurípides. Pois com esse objetivo os homens escolhem a música, fazendo uso equivalente das três modalidades – o sono, a bebida e a música — acrescentando, em alguns casos, a dança. Ou devemos indagar se a música promove a virtude, com o argumento de que pode educar o nosso espírito, habituando-nos aos prazeres mais elevados, da mesma maneira que nossos corpos adquirem um determinado caráter saudável por força

da ginástica? Ou ainda se ela contribui de algum modo para que desfrutemos do ócio além do cultivo do espírito, que é uma terceira alternativa? Obviamente os jovens não devem ser instruídos tendo-se em vista apenas a diversão, pois a aprendizagem não se confunde com o entretenimento, e o esforço integra, inevitavelmente, o seu processo. Ademais, o entretenimento intelectual não é adequado aos meninos até determinada idade, pois aquilo que é um fim em si mesmo não deve servir ao que é imperfeito. Contudo, é possível que se recomende o ensino da música aos meninos, pensando-se na diversão que eles terão quando crescerem. Se esse é o caso, por que eles deveriam aprender a tocar música, em vez de simplesmente, tal como os reis das medas e dos persas, aproveitar o prazer e a instrução que deriva de se ouvir a música tocada pelos outros? E certamente as pessoas que tem na música a sua profissão tocarão melhor do que aqueles cuja prática se limita à aprendizagem básica. Se eles devem aprender música, devem também aprender a cozinhar, o que é um absurdo. E ainda que se prove que a música ajuda a formar o caráter restará uma objeção: por que deveríamos ser músicos, nós mesmos? Por que não podemos obter um prazer verdadeiro e formar um julgamento correto apenas pela audição da música tocada por outros, como fazem os lacedemônios? Muito embora eles não aprendam música, são capazes de distinguir corretamente, como dizem, as boas e más melodias. Ou novamente, se a música deveria promover entusiasmo e um deleite intelectual refinado, a objeção ainda permanece — por que deveríamos aprender nós mesmos, em vez de apreciar a execução feita por outros? Podemos ilustrar o que estamos dizendo com a nossa concepção dos deuses; pois de acordo com os textos poéticos, Zeus não canta ou toca a lira ele mesmo. Podemos até mesmo chamar os músicos profissionais de vulgares, e ainda dizer que nenhum homem livre deveria tocar ou cantar, a menos que esteja embriagado ou queira fazer gracejos. Mas esses assuntos podem ser deixados para outro momento.

A primeira pergunta a ser respondida é se a música deve ou não ser incluída na educação. Em qual das três alternativas mencionadas anteriormente, a música é mais produtiva: na educação, do divertimento ou do deleite intelectual, pois ela pode ser encaixada em qualquer uma dessas três áreas, e parece compartilhar da natureza de todas elas. O divertimento serve ao relaxamento, e o relaxamento é necessariamente agradável, pois é o alívio para a dor causada pelo esforço; e o deleite intelectual é universalmente conhecido por

conter elementos não somente de nobreza, mas igualmente de prazer, pois a felicidade é uma combinação de ambos. Todos os homens concordam que a música é um dos maiores prazeres que há, seja ela apenas instrumental ou cantada; como diz Musaios:

A música, entre todas as coisas, é a mais doce.

Por isso, e com boas razões, é ela introduzida nas reuniões sociais e nas ocasiões festivas, porque alegra o coração dos homens, e por esse motivo podemos supor que os jovens devam ser educados na música. Com efeito, os prazeres inocentes não estão apenas em harmonia com a perfeita finalidade da vida, mas também porque oferecem relaxamento. Ocorre, porém, que os homens raramente alcançam aquilo que almejam, e com freqüência descansam e se divertem, não apenas para poder, depois, cumprir um objetivo mais elevado, mas também pelo prazer imediato, e portanto não há problema que encontrem, às vezes, o relaxamento através da música.

Por vezes, os homens fazem da diversão um fim em si mesmo, confundindo os prazeres inferiores com aqueles que provavelmente existem na consecução de fins mais elevados; confundem um tipo de prazer com o outro, e ao procurar um deles, encontram o outro, já que todo prazer é semelhante ao fim maior que se almeja. O fim não é desejável por causa de algum bem que advirá dele no futuro, nem os prazeres que já descrevemos anteriormente existem para a obtenção de algum futuro bem, mas sim de um bem que se situa no passado, ou seja, eles são o alívio dos sofrimentos e dos esforços do passado. E podemos inferir que essa é a razão pela qual os homens procuram a felicidade nesses prazeres.

Mas a música não é apenas procurada como forma de alívio aos esforços do passado, mas também como uma forma de recreação. E quem pode afirmar se, ao lado dessa sua utilidade, não haverá outras mais nobres? Além desse prazer comum, sentido e compartilhado por todos (pois o prazer que a música oferece é natural, e, portanto, adaptado a todas as idades e caráter), é possível que ela tenha afinal algum influência sobre o caráter e sobre a alma. Ela teve possuir esse tipo de influência se os caracteres forem afetados por ela. E a realidade dessa influência, evidencia-se de diversas maneiras; por exemplo: pelo poder que as canções de Ólimpos exercem sobre os jovens; não há dúvida que elas inspiram entusiasmo, e entusiasmo é uma emoção que integra o lado ético do espírito.

Além disso, quando ouvimos imitações [de ações] nossas próprias emoções variam em sintonia com a música, mesmo que não tenhamos consciência de seus ritmos e tonalidades. Uma vez que a música é um prazer, e a virtude consiste em vivermos corretamente os sentimentos de deleite, amor e ódio, não há nada que requeira de nós um empenho maior do que a aquisição e o desenvolvimento do poder de formarmos julgamentos apropriados, aprendendo a nos deleitar com as boas disposições e as atividades mais nobres. Os ritmos e as melodias podem representar a raiva e a doçura, como também a coragem e a temperança, e, igualmente, todas as qualidades contrárias a essas, e das demais qualidades de caráter, sem se distanciarem da realidade desses sentimentos, como sabemos por experiência própria, pois ao ouvirmos tais acordes nossas almas passam por verdadeiras transformações. O hábito de sentir o prazer ou o sofrimento a partir de meras representações é semelhante aos sentimentos experimentados diante das realidades; por exemplo, a alguém que se deleita com a mera observação da beleza de uma estátua, é certo que a visão da pessoa real que inspirou a obra causará prazer. Contudo, os objetos dos demais sentidos, tais como o paladar e o tato, não possuem nenhuma semelhança com as qualidades morais; nos objetos visíveis existe um pouco dessa afinidade, pois há figuras que transmitem o caráter moral, ao menos até um certo limite, e nem todos os homens são sensíveis a essa experiência. Novamente, as figuras e as cores não são imitações, mas sinais de hábitos morais, indicações de estados de sentimento fornecidas pelo corpo. A sua conexão com a moral é mínima, mas se existe alguma ligação, os jovens devem aprender a olhar não as obras de Páuson, mas as de Polígnoto, ou de qualquer outro pintor ou escultor que expressa idéias morais. Por outro lado, mesmo nas mais simples canções há uma imitação de caráter, pois diferentes melodias diferem essencialmente entre si, e aqueles que as ouvem são afetados de formas distintas por elas. Algumas canções fazem com que os homens se sintam tristes e graves, como, por exemplo, no caso do chamado gênero mixolídio, outras melodias ajudam a relaxar o espírito, e outras ainda produzem um estado de espírito equilibrado, moderado, com o que caracteriza o modo dório. A música frígia inspira entusiasmo. O assunto foi bem discutido por estudiosos desse ramo da educação, e eles confirmam os seus argumentos com fatos. O mesmo princípio aplica-se aos ritmos; alguns têm uma característica de repouso, outros transmitem

movimento, e entre esses últimos, alguns se referem a movimentos mais nobres e outros a movimentos mais vulgares. Apresentamos argumentos suficientes para demonstrar que a música tem o poder de influenciar a formação do caráter, e deveria, portanto, ser introduzida na educação da juventude. O estudo é apropriado à juventude, pois os jovens não suportam aquilo que não seja adoçado pelo prazer, e a música possui uma doçura natural. Parece existir em cada um de nós um tipo de afinidade com os diapasões e os ritmos musicais, o que leva alguns filósofos a afirmar que a alma é uma harmonia, e outros a dizer que a alma possui uma harmonia.

## Capítulo VI

Agora, cumpre-nos responder uma questão levantada anteriormente: devem os jovens aprender a cantar e a tocar música? É evidente que o caráter passa por transformações consideráveis, em virtude da prática musical. É difícil, se não impossível, fazer um bom julgamento do desempenho de outrem se não se tem uma experiência dessa desempenho. Além disso, é importante que os jovens ocupem-se de algo, e a matraca de Árquitas, que os adultos dão aos seus filhos para entretê-los e com isso prevenir que quebrem objetos decorativos da casa, foi uma invenção de grande importância, já que as crianças não sabem ficar paradas.

A matraca é um brinquedo adequado à mente infantil, e a educação musical é uma espécie de brinquedo para crianças que já cresceram bastante. Concluimos, portanto, que os jovens devem aprender a música de tal modo que sejam capazes de tocá-la, muito além de restringir-se à sua crítica.

A pergunta sobre o que é e o que não é adequado às diferentes faixas etárias pode ser facilmente respondida; também não é difícil lidar com a objeção daqueles que crêem que o estudo da música é uma atividade vulgar. Respondemos, primeiramente, que aqueles que devem ser juízes, precisam igualmente ser executores, e que seria bom que dessem início à sua prática o mais cedo possível, embora, quando mais velhos, possam ser poupados da prática. Devem aprender a apreciar e o que é bom e a desfrutá-lo, graças ao conhecimento adquirido em sua infância. Quanto ao suposto efeito vulgarizador que música exerce sobre os jovens, trata-se de uma questão de solução fácil quando consideramos até que ponto o

homem livre deve se aprofundar nos estudos de arte, durante o período de sua educação, para que seja capaz de exercer futuramente os seus deveres e direitos políticos; com essa reflexão podemos avaliar que melodias e ritmos deveriam ser permitidos à sua educação, e que instrumentos deverão aprender a tocar, pois até mesmo a escolha do instrumento faz grande diferença. A resposta à objeção volta-se sobre essas distinções, pois é bastante possível que certos métodos de ensino e aprendizagem musical tenham sobre o indivíduo um efeito degradante. É evidente, portanto, que a aprendizagem musical não deveria influenciar negativamente no desempenho que jovem terá futuramente em suas atividades, nem deveria degradar o corpo ou deixá-lo inapto para o treinamento civil ou militar, seja para os exercícios corporais do momento, seja para os estudos avançados que virão mais tarde.

O equilíbrio será obtido se os estudantes de música se absterem de participar dos festivais profissionais de arte, e não procurem alcançar o virtuosismo na execução musical que se tornou moda nessas competições e que já contaminou o processo educacional. Que aos jovens seja permitido praticar a música que prescrevemos a eles até aqui, mas apenas até o momento em que se deleitem com as nobres melodias e ritmos, mas não com aquelas melodias ordinárias nas quais os escravos, as crianças e até alguns animais encontram prazer.

A partir desses princípios podemos inferir que instrumentos deveriam ser introduzidos na educação dos jovens. A flauta, ou qualquer outro instrumento que requeira grande habilidade, como por exemplo a harpa, não deve ser admitida, mas sim aqueles instrumentos que produzirão alunos de música bem-sucedidos nas outras áreas da educação. Ademais, a flauta não expressa o caráter moral do homem. Ela é apenas excitante, portanto deve ser usada somente nas ocasiões em que a execução tem em vista, não a instrução, mas a catarse. E existe uma outra objeção; o impedimento que a flauta oferece ao uso da fala constitui um desvio do valor pedagógico. Desse modo, os antigos estavam certos quando proibiam a prática da flauta para os jovens e os homens livres, embora tenham permitido durante um determinado período. Pois quando sua riqueza os predispôs mais ao lazer, e possuíam noções mais elevadas sobre o sentido da excelência, estando também orgulhosos de seu sucesso, antes e depois da guerra com os persas, passaram a buscar, com mais zelo do que discernimento, todo tipo de conheci-

mento e introduziram o estudo da flauta na educação dos jovens. Na Lacedemônia, um certo corego conduziu o coral tocando uma flauta, e em Atenas o instrumento tornou-se tão popular que a maioria dos homens livres sabia tocá-lo. A sua popularidade pode ser demonstrada pela placa que Trásipos mandou fazer depois de haver equipado o coro para Ecfantidas. Mais tarde a experiência permitiu aos homens discernir aquilo que era e aquilo que não era favorável à virtude, e então rejeitaram a flauta e muitos outros instrumentos fora de moda, como a harpa lídia, a lira de muitas cordas, o heptágono, o triângulo, a sambuca, e outros do gênero — que tem como finalidade exclusiva oferecer deleite ao que ouvem, e requerem extraordinária habilidade para se tocar. Há também um sentido no mito dos antigos que nos conta de que modo a deusa Atena inventou a flauta e logo em seguida lançou-a fora. Não foi uma má idéia deles atribuir à deusa o sentimento de repulsa ao instrumento porque ele distorcia a beleza facial de quem o tocava; mas podemos reforçar as razões de sua rejeição à flauta, dizendo que ela percebeu que a execução daquele instrumento em nada contribuía para o desenvolvimento da inteligência, já que Atena é a deusa tanto da sabedoria quanto da arte.

Assim, rejeitamos os instrumentos tocados profissionalmente, tanto quanto a educação profissionalizante de música (e ao dizer profissional estamos nos referindo aos concursos musicais), pois para esse fim o artista não pratica a arte para o seu próprio aperfeiçoamento pessoal, mas para oferecer um prazer vulgar aos seus ouvintes. Por esse motivo, a execução desse tipo de música não deve ser parte da educação de um homem livre, mas sim da educação de um músico profissional, e o resultado disso é que os músicos são subalternos, pois o fim a que aspiram é inferior. A vulgaridade do espectador tende a desvalorizar o caráter da música e, conseqüentemente, o caráter daquele que a executa; os espectadores olham-no — ele os faz ser aquilo que são, e podem influenciar até mesmo os seus movimentos corporais com a música.

## Capítulo VII

Temos ainda de considerar os ritmos e a harmonia, e sua aplicação na educação dos jovens. Devemos usar todas as harmonias ou selecioná-las? E a mesma distinção deve se aplicar aos que

praticam a música para fins educacionais, ou em cada caso a seleção terá as suas peculiaridades? Já sabemos que a música é produzida pela melodia e pelo ritmo, e deveríamos conhecer as influências desses fatores sobre a educação, e se devemos preferir na música a excelência da melodia ou a do ritmo. Entretanto, como o tema já foi abordado com propriedade por músicos da atualidade e também por filósofos que têm considerável experiência sobre educação musical, deixemos que nossos leitores investiguem, se quiserem, esses estudos mais especializados. Falaremos apenas, como fazem os legisladores, dos princípios gerais concernentes ao assunto.

Aceitamos a classificação das melodias, segundo a proposta de certos filósofos, em melodias representativas da ética, da ação e as inspiradoras ou melodias representativas de entusiasmo, cada uma delas tendo um estilo correspondente à sua natureza. Mas acreditamos também que o ensino da música não deveria servir a uma única finalidade, mas a várias, a saber: 1) à educação, 2) à catarse (voltaremos a falar sobre o significado dessa palavra [na poética]); a música pode também servir 3) ao deleite intelectual, ao relaxamento depois da tensão do trabalho. É evidente, portanto, que devemos empregar todos os estilos musicais, mas não da mesma maneira. Na educação devemos preferir os estilos mais éticos, mas na audição de músicos profissionais podemos admitir os estilos que representam a ação e o entusiasmo. Algumas almas são muito suscetíveis a sentimentos como a compaixão e o medo, ou ainda o entusiasmo. Algumas pessoas entram em um êxtase religioso quando ouvem certas melodias sacras — quando ouvem melodias que levam a alma a uma experiência mística — renovando-se como se tivessem encontrado a cura e a catarse. Os que são mais suscetíveis à compaixão ou ao medo e emoções de toda natureza devem ter uma experiência semelhante; cada um é tocado na alma pelas emoções às quais se encontra mais suscetível, e todos têm, de algum modo, a alma renovada em virtude da leveza e do deleite. As melodias que tem a função catártica oferecem também prazeres inocentes ao homem. Esse é o tipo de música que deve ser executada por aqueles que participam dos concursos nos teatros. Mas uma vez que os espectadores são de dois tipos — os livres e educados e a multidão ordinária composta de artífices, serviais e outras categorias inferiores — devem existir ainda os festivais de música instituídos para o relaxamento dessa segunda classe de pessoas. E a música

deve corresponder apropriadamente à sua alma; com efeito, sua alma foi desviada em relação ao seu estado natural, as melodias e harmonias em tons mais altos e cromaticamente forçadas são igualmente desvios da natureza. Um homem sente prazer com aquilo que é natural para si, portanto os músicos profissionais de classe inferior devem estar autorizados a tocar esse tipo de música para audiências que também pertencem à mesma classe inferior de pessoas. Mas para fins educacionais, como já afirmei, deve-se empregar harmonias e melodias que representem atitudes éticas, tal como o já citado exemplo da música dória; embora possamos incluir quaisquer outros estilos musicais aprovados por filósofos formados em musicologia. Sócrates, na *República*, está errado ao recomendar apenas o estilo musical frígio além do dório, principalmente porque ele rejeita a flauta; pois a música frígia está para as harmonias como a flauta está para os instrumentos — ambas são excitantes e emocionantes. A poesia é a prova do que afirmo, pois o êxtase báquico e todas as emoções semelhantes a ele são mais adequadamente expressos pela flauta, e são mais compatíveis com a harmonia frígia do que com qualquer outra. O ditirambo, por exemplo, é reconhecidamente frígio, de acordo com as evidências apresentadas pelos especialistas, entre as quais está o fato de Filôxenos ter tentado compor o seu ditirambo *Os Mísios* no estilo dório sem obter sucesso, tendo de recorrer ao estilo frígio, muito mais apropriado para esse tipo de composição, segundo a sua própria natureza. Todos estão de acordo que a música dória é a mais séria e a mais viril. E porque sempre dizemos ser necessário evitar os extremos e seguir o caminho mediano, sendo o estilo dório intermediário entre os outros estilos, é óbvio que nossa juventude deve aprender a música dória.

Dois objetivos devem ser perseguidos, o possível e o ideal: esses são os objetivos que devem mover todos os homens, mas mesmo esses objetivos devem corresponder apropriadamente às diferentes faixas etárias; os mais idosos, que já perderam parte de suas forças, não podem cantar as harmonias forçadas, e a própria natureza parece sugerir que as suas canções devem ser as de um estilo mais calmo. Por isso alguns estudiosos da música culpam Sócrates, e com justiça, por ele rejeitar os estilos calmos de música na educação sob a alegação de que são embriagantes, não no sentido literal do termo (até porque o vinho tende a excitar os homens em vez de acalmá-los), mas porque eles parecem perder o

seu vigor físico quando ouvem esse estilo musical. Todavia, tendo em vista o período de seu envelhecimento, os homens devem praticar as harmonias e melodias musicais mais suaves e outros tipos de música também, como aquelas que são apropriadas às crianças de tenra idade, e que possuem características favoráveis à educação e à ordem, especialmente as canções lídrias. Assim, é evidente que a educação deve basear-se nestes três princípios: o caminho do meio, o possível e o ideal.

M